

## Índice

Prefácio	9
Notas sobre a Natureza dos Textos	25
Fontes Usadas	28
O EGÍPTO	
A Caminho do Oriente	
I. Cádiz	31
II. Gibraltar pela Manhã	34
III. Malta	39
De Alexandria ao Cairo	
I. Alexandria	45
II. O Delta	54
III. Através do Delta. Considerações sobre o Egipto Contemporâneo	60
IV. Chegada ao Cairo	78
O Cairo	
I. Ruas do Cairo	81
II. A Cidadela	95
III. No Shepherd's	106
IV. A Mulher no Oriente	109
V. Mesquitas	123
VI. O Velho Cairo	132
VII. Al-Azhar, a Esplêndida	136

VIII. O Museu de Bulak	143
IX. Cemitérios	152
X. Visita aos Túmulos dos Califas	158
XI. Os Bazares	162
XII. Um Banho Turco	171
XIII. Passeio em Caleche na Avenida de Chubrah	178
O Deserto	
I. Visita a Heliópolis	185
II. Gizé	189
III. Sakkara	196
IV. Excursão a Mênfis	200
Noites Feéricas	
I. Noite de Iluminações	203
II. Danças de Almeias	211
DE PORT SAID A SUEZ	221
PALESTINA	241
À Tarde — Santo Sepulcro — Ruas	251
Hoje, de Manhã, Visita à Mesquita de Omar	262
Betânia	266
Belém	269
Passeio a Gethsemani e pelos Vales de Cédron, de Josafat e Siloé	276
Convento Abissínio	279
Convento dos Arménios	280
De Jerusalém ao Mar Morto	281
Mar Morto	283
Danças diante das Tendas em Jericó	287
O Círculo de Cabeças	288
ALTA SÍRIA	291
OS INGLESES NO EGÍPTO	309

## Prefácio

*Em 1866, tendo acabado o Curso de Direito, Eça de Queiroz trocou Coimbra por Lisboa, com o intuito de aqui exercer a profissão de advogado, ocupação que rapidamente o desiludiu. No final do ano, partia para Évora a fim de dirigir um jornal, o Distrito de Évora. Depressa se fartou da cidade, das gentes e do jornal. O que desejava era viajar.*

*A 23 de Outubro de 1869, com o seu amigo, o conde de Resende, partia, em grande estilo, rumo a Alexandria. Resende levava um cartão-de-visita, identificando-o como «le comte de Resende, grand amiral du Portugal»; Eça, um passaporte diplomático, que dizia ser ele «um encarregado de negócios» (isto é, portador de correspondência diplomática). Dois dias levaram até Cádiz. Em Gibraltar, tomaram o paquete inglês Delly, da rota da Índia. A 5 de Novembro, estavam em Alexandria e dois dias depois chegavam ao Cairo. Regiamente instalados no Hotel Shepherd's, visitaram os monumentos da praxe. A 17 de Novembro, encontravam-se no Suez. Nas festas da inauguração, sentaram-se entre os grandes do mundo. A 26 de Novembro, partiam para Beirute. A 11 de Dezembro, estavam de regresso a Alexandria. A 26 de Dezembro, embarcavam para Lisboa, onde chegaram a 3 de Janeiro de 1870.*

*Em O Egípto, as primeiras páginas retratam o que ele esperava encontrar. Já Alexandria o confunde: «Equilibrados numa carruagem forrada de chita, com um cocheiro albanês, entre o monte das nossas bagagens (...), começámos a atravessar o bairro árabe. É uma rede de ruas estreitas, infectas, obstruídas de lama, de construções irregulares, desmoronadas, caducas, feitas de todos os materiais, desde o mármore até ao barro, com todos os aspectos, um imprevisto extremo de linhas e de arquiteturas, e cheias de uma multidão ruidosa de turbantes, de tarbuchs, de gorros gregos, de barretes albaneses, de albornozes, de mulheres envoltas nas suas túnicas brancas, de burros carregados, trotando miudamente. E aquilo é confuso, pitoresco, estranho e miserável.»*

*No dia seguinte, por um calor tórrido, ele e Resende foram ao bar árabe onde experimentaram as delícias de um café turco e de um narguilé persa: «Lentamente, o fumo vai adormecendo o espírito no calor tépido e dissolvente. As qualidades fortes, a energia, a vontade, dissipam-se, esvaem-se numa sonolência doce. Cai-se naquele estado que os Árabes chamam o kief. É uma espécie de desmaio vivo: a vida torna-se passiva, quase vegetal.» Eça acabava de ter a primeira experiência de uma droga.*

*Entre o esplendor de um baile em Ismaília, vem-lhe à mente a triste situação do camponês egípcio: «Era em Novembro, o tempo das regas. Àquela hora, sob o orvalho cruel, por todo o vale do Nilo, os fellahs moviam os chadufs, arquejando, e erguendo para o céu o seu canto plangente!». Eça tenta descrever a vida dos fellahs: «Todo o trabalho das culturas é feito pelo fellah. O fellah não possui. Está na miserável condição do antigo servo feudal. (...) Possui o paxá, possuem os beys, possuem as mesquitas. O fellah trabalha, reza e paga. Não tem propriedade, nem liberdade, nem família. É inferior ao escravo.» Conta que, quando o fellah se revolta, o senhor o encosta a uma parede, «erguido sobre três tijolos, prega-lhe as orelhas à parede —, e tira*

*os tijolos!».* A violência da sociedade oriental indigna-o. Espanta-o o facto de, uma vez regressados à Pátria, os jovens egípcios, que tinham estudado na Europa, retomarem os antigos hábitos de prepotência.

*Era altura de se apaixonar pelo Cairo. Ele, que, das capitais europeias, só conhecia Lisboa, adopta um tom cosmopolita: «Aqueles que nunca saíram das ruas direitas das cidades da Europa, não podem conceber a colorida e luminosa originalidade das cidades do Oriente. Aí, as ruas são direitas, ladeadas de largas fachadas, caiadas, inexpressivas como rostos idiotas. As figuras são triviais; as fisionomias vulgares, esbatidas, uniformizadas pelo tédio e as dificuldades da vida; os vestuários são escuros, estreitos, económicos. O gás, à noite, perfila a sua linha bocejante; o rodar das carruagens e das carroças abala o chão com uma brutalidade ruidosa. Tudo é correcto, alinhado, perfilado, medido e policiado.»* No Cairo, pelo contrário, tudo é diverso: *«O Egípto é um país de passagem. Tudo ali passa, tudo ali descansa, tudo ali repousa. É o caminho da Índia. É o caminho da Pérsia. É o centro onde acodem todos os povos da África Oriental. É o escoamento das populações ambulantes do Mediterrâneo e do Levante. Tudo para ali emigra, até os pássaros, porque tudo o que tem asas, quando nos nossos climas começa o Inverno, foge para o velho Egípto!»*

*Nascido numa sociedade religiosa e etnicamente homogénea, Eça fica maravilhado com a mistura de gentes: «Todas as raças, todos os vestuários, todos os costumes, todos os idiomas, todas as religiões, todas as crenças, todas as superstições, ali se encontram, naquelas ruas estreitas. Em qualquer pequeno café do bairro copta ou do bairro muçulmano, vêem-se, sentados nas esteiras ou encruzados sobre as altas grades de pau de sicómoro, um árabe, um turco, um núbio, um homem da Samaria, um persa, um albanês, um búlgaro, um judeu, um índio, um abissínio, um arménio, um árabe do Magrebe...»*

*A certa altura, vê Théophile Gautier no Hotel Shepheard's, o que o encanta. Junto das margens do Nilo, relembra as lições de Taine sobre a ligação entre a paisagem e os costumes. Romanticamente, confessa: «Por vezes, sinto o desejo de ficar aqui, ter um búfalo, uma mulher egípcia, descendente dos velhos donos do solo, e lavrar o meu campo de durah no meio da serena paisagem do Nilo, entre coisas abundantes e saudáveis e a imensa claridade do horizonte...» Outros, e reais, prazeres o esperavam.*

*Um dos capítulos mais fascinantes dos seus apontamentos intitula-se «Um Banho Turco». Depois de descrever o local, com o chão de tijolo polido e o tecto a céu aberto, relata a forma como dois núbios tinham «tomado» conta dele e de Luís de Resende, despindo-os, ou antes, tentando despi-lo, coisa a que pudicamente Eça resistiu: «Estávamos de pé no estrado, na atitude e na toilette de velhos deuses Olímpicos. Os núbios, então, envolveram-nos a cabeça em turbantes descomunais e a cinta em tangas que tinham as pregas e o encanto dum estudo clássico; depois, calçaram-nos, abaixando-se com um servilismo doce, as babuchas de pau — e tomando-nos pelo braço, rindo, com os dentes a luzir como presas de feras, com aquelas maneiras envolventes e emolientes do Oriente, com precauções infinitas para que não caíssemos das altas sandálias de pau de sicómoro, fizeram-nos entrar na primeira sala.» O calor húmido envolve-o, sufoca-o, amolece-o. Eça vai passando, deliciado, por várias salas, por vários divãs, por várias mãos. «A languidez é extrema», confessa, «a nossa civilização, as suas dificuldades, as suas lutas, as suas angústias — como tudo isso está longe!» Dá pormenores: «Então, os núbios deitam-nos de costas para cima sobre os bancos e ali, com uma longa luva de camurça, começam uma fricção vagarosa, monótona e sistemática. O corpo fica fatigado, inerte, sem vontade, e aquele constante passar da luva sobre a espinha dorsal, dá uma vibração suave, quente e*